

NOVO

11-06-2021

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **63**

VIA DA DIREITA

# A parte que o PS não consegue esconder



Francisco Rodrigues dos Santos

**P**or ordem cronológica, Inês Santos Costa, actual secretária de Estado do Ambiente, acumulou funções de adjunta no gabinete do ministro João Pedro Matos Fernandes, entre 2016 e 2019, ao mesmo tempo que era sócia de uma empresa privada, a 3drivers; a empresa fez vários contratos com entidades públicas tuteladas pelo mesmo Ministério do Ambiente. Ou seja, enquanto todo o mundo se preocupava com o aquecimento global, o Ministério do Ambiente estava focado no enriquecimento global dos seus funcionários.

No princípio deste mês, o Governo do PS atingiu o maior número de funcionários desde 2011, com 1259 pessoas empregadas nos gabinetes dos 70 membros do Governo. Na sexta-feira da semana passada, uma notícia diz que Ana Paula Vitorino, ex-ministra do Mar, actual deputada do PS e mulher do ministro Eduardo Cabrita, está para tomar conta como presidente da Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT), por indicação de Pedro Nuno Santos. Já terá sido

ouvida pela bendita CRE SAP. Com o cargo vem um salário bruto superior a 16 mil euros; a AMT é a entidade reguladora dos transportes em Portugal.

O Estado transforma-se num banquete em que os "boys" do PS comem à mesa do Orçamento. O cartão de militante do PS tornou-se um "free pass" para uma luzarinho sossegado no Estado, pago com o dinheiro de todos nós.

Finalmente, Pedro Adão e Silva. Entre todas as possibilidades, foi ele quem o Governo escolheu para presidir à comissão executiva das comemorações do 25 de Abril e a quem deu praticamente um ministério que vai prolongar-se para lá do mandato do próprio Governo. Inexplicavelmente, a "estrutura de missão" começa agora e vai prolongar-se até ao fim de 2026. Significa mais de 4500 euros de salário por cerca de cinco anos e meio; três técnicos especialistas e outros tantos adjuntos; secretário pessoal, motorista e o indispensável "apoio"; estes serão "equiparados, para efeitos de remuneração e estatuto, a membros de gabinete". Adão e Silva não é uma escolha feliz, desde logo porque, se o fosse, jamais aceitaria uma estrutura destas, que escandaliza todos os portugueses. Facilmente se encontraria uma personalidade que aceitasse tal desafio *pro bono*, com currículo e, já agora, que não fosse um porta-voz da propaganda socialista. É caso para dizer que já estão a estragar as comemorações do 50.º aniversário do 25 de Abril, mesmo antes de lá chegarmos.

Levanta-se uma pedra e encontra-se uma criatura a quem o PS deve jéitinhos ou "empenhos".

Podíamos comentar, como eu já comentei, a maneira como o PS está no Estado como em sua casa e usa os recursos públicos em favor dos seus e dos grupos que precisa de favorecer. Como também já apontei a imoralidade de tratar os portadores da sua propaganda como se o país vivesse tempos de prosperidade, sabendo-se da crise económica que as famílias e as empresas enfrentam diariamente, sem saber, muitas vezes, se chegam ao final do mês com o dinheiro que têm e conseguem cumprir todas as obrigações de gastos regulares.

Há sectores inteiros a viver dificuldades e o PS dá empregos regamente pagos aos seus militantes, aos familiares e a quem lhe convém. O PS instalou-se no país, criou um "Estado" a que podemos chamar "Socialistão". Portugal está a cair cada vez mais no fundo da pobreza e há uma casta de abençoados a comer brioches.

Mas estes são os comentários mais instintivos, os que exigem menos reflexão. A seguir vêm os outros, mais graves. Ao longo do tempo, o PS foi tomando conta de órgãos e sectores da vida pública que precisavam de ser independentes para cumprir a sua missão. Fez isto pelo expediente de os ocupar e de os financiar, através de pessoal da sua confiança. Já se viu como o PS colocou gente sua no Tribunal de Contas, na Procuradoria-Geral da República, no Banco de Portugal -

um dos casos mais gritantes de conflito de interesses, na passagem directa do ministro das Finanças para governador - e noutros órgãos reguladores, como a AMT da ex-ministra Vitorino.

E subsidiou os maiores e mais importantes grupos de jornalismo e televisão, condicionando as perspectivas e alinhamentos e pressionando para a indisfarçável reverência. É daqui que se pode medir a dimensão do problema: ainda assim, com todas as tentativas de controlo de notícias e de opinião, os escândalos aparecem. Tudo o que vem descrito no princípio deste texto, e ele não chega a tratar de um mês, é a parte que o PS não conseguiu esconder. São notícias graves? São gravíssimas. Merecem indignação? Claro que merecem. São situações que devem ser denunciadas e reprovadas? Com certeza que devem. Mas pergunto: por cada notícia que o país vem a saber, quantas passaram despercebidas? Por cada corteção

de Lisboa, cada videirinho de gabinete ministerial, cada mesureiro de jornal ou televisão, quantos haverá por esse país fora? Quantos provêm do poder regional e local? Quantos passam discretamente, nas delegações disto e daquilo, contratando e escolhendo, pequenas quantias, pequenos reconhecimentos, pequenos ajustes directos ou indirectos, ancorados na máquina administrativa e burocrática que asfixia o país e impede as empresas de prosperarem?

Os governantes do PS e o exército de chefes e subchefes das estruturas do aparelho do Estado que se vão multiplicando contribuem não só para absorver uma quantidade incalculável de recursos públicos como ainda inventam mil maneiras de justificar a importância do seu lugar, empenhando-se em levantar obstáculos à actividade económica, que mantém postos de trabalho, paga impostos e assegura o cada vez mais baixo rendimento do país. Não é um problema jurídico - nenhuma lei contraria estes costumes -, não é um problema ideológico - o PS aplica a ideologia que lhe convém em cada momento, com o objectivo simples de se manter no poder -, é um problema político. A vida de um país não pode estar tanto tempo nas mãos de um único grupo. Portugal está incrivelmente sufocado pela teia de interesses do Partido Socialista.

Presidente do CDS-PP  
francisco.rodrigues.dos.santos@gmail.com

O PS aplica a ideologia que lhe convém em cada momento, com o objectivo simples de se manter no poder